

Catolicismo e Telenovela: uma Relação Complexa¹

Rafael Barbosa Fialho MARTINS²

RESUMO

O trabalho empreende uma pesquisa sobre as relações entre a Igreja Católica e a telenovela, gênero que, embora seja alvo das mais diversas críticas de setores da Igreja, recebe, historicamente, vários investimentos por parte das emissoras católicas. É feita uma pesquisa documental em dois âmbitos: i) o posicionamento da Igreja e ii) a caracterização histórica da presença da telenovela em emissoras televisivas católicas. Como resultados, conclui-se que a principal crítica da Igreja Católica às novelas é de ordem moral, já que elas são vistas como um risco aos valores cristãos por oferecerem modos de vida considerados contrários à doutrina. No intuito de fomentar discussões futuras, são propostas três categorias de análise dessa interação: i) *negação*; ii) *apropriação* e iii) *exibição*.

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo; Telenovela; Novelas católicas; Teledramaturgia.

1. INTRODUÇÃO

Em 3 de fevereiro de 2015, na homilia de mais uma das missas diárias que ocorrem na Casa Santa Marta (Vaticano), ao destacar a importância de se dedicar tempo para a leitura da Bíblia e para a contemplação, o Papa Francisco disse: “Assim, o teu olhar estará fixo em Jesus e não tanto na telenovela, por exemplo. O teu ouvido estará fixo nas palavras de Jesus e não tanto nas fofocas do vizinho” (MARÇAL, 2015). Embora pareça ser uma crítica simples e corriqueira, a afirmação acena para o modo predominante como a Igreja Católica se posiciona frente a um dos principais produtos culturais tanto em âmbito mundial quanto na América Latina, especificamente: a telenovela.

Isso porque a exortação de Francisco encontra eco nas mais variadas instâncias e níveis hierárquicos da igreja, que, de modo geral, entendem a telenovela como um

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

² Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: rafaelbfialho@gmail.com.

verdadeiro mal a ser combatido. Todavia, por mais que seja alvo das mais contundentes críticas de setores eclesiais, tal produto recebe, historicamente, vários investimentos por parte das emissoras televisivas católicas. Seja reprisando produções de outros canais ou realizando suas próprias obras de ficção, as aproximações do catolicismo brasileiro com a telenovela parecem acenar como uma tentativa de se integrar e se ajustar à realidade cultural-midiática do país, caracterizada por uma das mais desenvolvidas estruturas de produção teleficcional.

Se a Igreja Católica busca nas novelas a visibilidade para sua doutrina, por sua vez, fazendo parte do tecido social, a telenovela se utiliza das mais diversas representações da experiência religiosa, tentando aproximar as histórias narradas da realidade vivida pelo público (TORRES; COUTINHO, 2010) – como ocorre também em relação ao catolicismo. Logo, em um cenário cada vez mais marcado pelo diálogo entre mídia e religiosidades (MARTINO, 2016), convém perguntar: como os setores midiáticos católicos interagem com a telenovela?

Para iniciar um debate sobre tal questão, ainda não discutida de modo a considerar efetivamente sua expressividade, o presente estudo empreende uma análise documental (MOREIRA, 2004) em dois âmbitos: no primeiro, relativo ao posicionamento da Igreja, foi feita uma pesquisa em pregações, homilias, documentos, *sites* e *blogs* católicos à procura de referências sobre a telenovela e sobre como ela é interpretada por algumas vertentes do catolicismo. Num segundo movimento, a busca ocorreu no *Youtube* e em jornais e *sites* sobre televisão com o objetivo de encontrar pistas para estabelecer uma caracterização histórica sobre a presença da telenovela em emissoras televisivas católicas³.

A presente pesquisa visa contribuir para a compreensão da relação do catolicismo com a mídia e oferecer uma reflexão pertinente em se tratando do Brasil, que ocupa lugar de destaque no mercado global de teleficção. Assim, se é verdade que os ideais da modernidade chegaram à América Latina por meio das novelas,

³ A grande maioria do material foi encontrada a partir do *site* de busca *TV Pesquisa*. Disponível em: <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

combinando o arcaico e o moderno, os valores e tradições religiosos parecem tentar trilhar o mesmo caminho para (re)conquistar hegemonia (LOPES, 2003).

Parte-se aqui de uma visão sistêmica da igreja, que engloba não apenas as instâncias oficiais e institucionais, mas as manifestações de fiéis e as atividades midiáticas, que assumem cada vez mais importância para se pensar o catolicismo atualmente. Por isso, nos referimos às dinâmicas das emissoras televisivas católicas como mais uma arena do catolicismo, perpassada por processos e disputas simbólicas e de poder próprios, mas que indicam modos de interação mais amplos da igreja com a sociedade. Por isso é possível, por meio da análise das televisões católicas, perceber a posição do catolicismo frente à telenovela.

2. NEGAÇÃO

Apesar de não haver nenhum documento ou recomendação oficial do Vaticano a respeito das telenovelas, elas aparecem em algumas citações rápidas. Francisco é o papa que tem feito referência de modo mais recorrente às novelas, contrapondo o ideal de amor romântico que elas apresentam com a concepção de amor exigida pela doutrina católica. Por exemplo, ele disse, em missa com o rito do casamento em 14 de setembro de 2014, que “O matrimônio é símbolo da vida, da vida real, não é uma novela”. Talvez por ser o primeiro papa latino-americano, Francisco reconhece a popularidade e a força do gênero telenovela, que, embora tenha maior expressividade de produção na América Latina, é exportado para todo o mundo. Entretanto, esse reconhecimento serve justamente para que o lugar central das novelas em nossa realidade seja questionado: “[...] Nossa vida não é um videogame e nem uma novela. Nossa vida é uma coisa séria e o objetivo a alcançar é importante: a salvação eterna” (Reflexão em 21 de agosto de 2016). Na missa celebrada na manhã de 11 de novembro de 2016, ao discorrer sobre a natureza do amor cristão, ele insiste no tema, tentando desnaturalizar o conceito de amor propalado pela mídia: “Mas de que amor estamos falando? Esta palavra é usada hoje para tantas coisas. Fala-se de amor num romance ou numa novela, de amor teórico”.

O texto de Felipe Aquino é exemplar no modo como a igreja refere-se à novela para negá-la, acreditando que “[...] a maioria das novelas estraga o povo, incutindo nas pessoas anti-valores cristãos”. Na visão do autor, as novelas apresentam uma série de males, pois concretizam os sete pecados capitais, estimulam o erro e o pecado, banalizam o sexo, desunem as famílias, desconstroem valores morais, e, por fim, provocam a destruição da família. Como saída para tais malefícios, ele sugere a reação do boicote.

Conhecido por seu jeito inconfundível, marcado pelo uso do humor em suas pregações, padre Léo era um dos principais detratores da televisão e das telenovelas. Devido ao estilo de pregação focado nos elementos cotidianos dos fiéis, o consumo de novelas era tema recorrente em suas pregações, popularizadas pela TV Canção Nova. Embora o sacerdote tenha falecido em 2007, as palestras são exibidas até hoje, pelo mesmo canal, às segundas-feiras, 21h – horário da principal novela da Globo. Cita, de forma genérica, pesquisas feitas por grandes jornais brasileiros e pela USP a respeito da quantidade de violência exibida na televisão, as quais teriam constatados mais de 500 cenas de violência por dia e mais de 1.200 palavrões em dois dias. Dadas essas dimensões, a TV (novelas, filmes, desenhos) estaria ensinando violência às pessoas e gerando nelas uma “violência interior” causada pela imposição de bens de consumo.

Em outra pregação, o padre expõe que o demônio se utiliza da TV e, principalmente, das novelas a partir da interferência e desestabilização da família, único lugar onde podemos ser nós mesmos, sem máscaras. Com a individualização dos hábitos cotidianos proporcionados pela televisão, a união familiar estaria ameaçada: “Por isso que o encardido⁴ luta contra as famílias, aí ele cria ‘famí-ilhas’, onde cada um tá no seu cômodo, para que não deixe vir à tona o seu sentimento”.

Em outro vídeo, o pregador da RCC, Eudes Duarte, exorta os católicos carismáticos que assistem às novelas e que se incomodam quando são advertidos sobre o mal dessa prática. Ele evoca o estilo informal consagrado por Padre Léo ao falar em uma linguagem coloquial, chamar os fiéis de “pinguins”, “safados”, “sem vergonha”,

⁴ Muito integrado à lógica televisiva, padre Léo soube criar uma *persona* midiática com características próprias, como bordões e expressões peculiares. Uma delas, “encardido”, é o termo que ele usava para se referir ao demônio.

“véias noveleiras” e referindo-se ao demônio como “capeta”, em uma entonação de voz enfática e performance corporal afetada. Ao insistir nessa questão, o pregador descortina percebe-se que, apesar de toda a investida da igreja no combate à novela parece não ter tanto êxito⁵.

Nesse trecho, é possível perceber, também, o quanto a questão midiática ocupa a cena das manifestações religiosas, colocando-se como matéria central no rol de temas abordados em pregações – tanto que pode aproximar ou afastar fiéis da igreja. Ao fazer referência a padre Roger, infere-se que ele fala de Roger Luís, padre da Canção Nova que mais se assemelha a padre Léo em termos de estilo de pregação e conteúdo de suas homilias. Roger, por sua vez, também é crítico mordaz das produções ficcionais. Na época da exibição da novela *Babilônia*, em 2015, também juntou-se à onda de protestos em reação ao beijo gay protagonizado por Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg.

No vídeo intitulado “As novelas e a engenharia social”, Padre Paulo Ricardo defende a tese de que as produções ficcionais moldam a moralidade da família, deturpando-a. Há a tentativa de ancorar o argumento em bases científicas, por meio da citação de dois estudos⁶ feitos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento a respeito da influência das novelas em comportamentos sociais relativos à fertilidade e o divórcio.

Nas palavras de Paulo Ricardo, as evidências trazidas por esses estudos demonstram “total, absoluta e concreta certeza” do poder de a novela engendrar o que ele chamou de “engenharia social”. Isso porque, segundo as pesquisas, em cidades em que contavam com o sinal da TV Globo, as novelas estariam proporcionando mudanças sociais – “menos filhos e mais divórcios” –, diferentemente dos municípios em que não havia sinal da televisão, cujos padrões de natalidade e casamentos mantinham-se estáveis. Haveria, então, um “ataque” cultural com o foco na família e, mais especificamente, na mulher, a partir de personagens femininas que vivem situações

⁵ Embora careçam de análise, os comentários desses vídeos, em sua maioria, revelam apoio às críticas às novelas, o que pode demonstrar certa adesão de segmentos da igreja ao discurso de boicote ao gênero. Um estudo de recepção de novelas por parte de católicos seria pertinente para verificar se as recomendações como as dos padres encontram eco nos hábitos dos fiéis.

⁶ Os *links* para os artigos podem ser encontrados em: < <https://padrepauloricardo.org/episodios/as-novelas-e-a-engenharia-social>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

narrativas de liberação da obrigatoriedade do casamento e do papel de mãe: “Então, se nós vemos vacilar a mãe, se nós vemos vacilar a esposa, o que será da nossa sociedade, o que será dessa célula mater da sociedade que é a família?” – indaga o padre (RICARDO, 2012).

Contudo, se originalmente essas pesquisas foram feitas com o objetivo de discutir o impacto de produtos televisivos na sociedade, elas são usadas pelo padre para refutar o consumo de telenovelas, colocado como algo tão pernicioso quanto o vício do cigarro e do alcoolismo, por exemplo. O estudo seria, então, uma prova do sucesso dessa “engenharia” disposta a modificar a sociedade brasileira a partir das novelas. Como reação, Padre Paulo Ricardo propõe o boicote a esse tipo de programa, e à TV como um todo e reveste a ofensiva de um tom de verdadeiro combate espiritual, auxiliado pela intercessão de Nossa Senhora.

Todas essas críticas assemelham-se ao fazerem uma vinculação direta entre o assistir e aceitar, descartando o caráter crítico da recepção, que, nesta visão, assimilaria tudo o que as novelas “pregassem”. O caráter mercadológico e de consumo das telenovelas, importantes fatores para a sua sobrevivência e expressividade, são simplesmente esquecidos, já que ganha vulto sua dimensão ideológica, como se tivessem uma “tarefa maligna” para cumprir. Interessante observar, ainda, o destaque dado ao tema da homossexualidade. Ao criticarem as expressões de homoafetividade, Eudes Duarte – que reprova “Dois homens chupando a língua um do outro” – e padre Roger – que alerta para o perigo das “vovós” que se beijam – mostram estar a par da agenda de discussões atuais sobre gênero e sexualidade, o que mostra, mais uma vez, a capacidade de a novela agenciar discussões circulantes na sociedade.

Na direção contrária, os estudos de Comunicação, precisamente aqueles situados no campo da televisão, já consideram tal visão como superada: a partir dos mais variados aportes teóricos, já é consenso entre os pesquisadores da área que a leitura da televisão – e dos meios midiáticos como um todo – podem se dar em relações de

oposição, dominação e negociação preferi negociação (HALL, 1973). Contudo, tais contribuições parecem não ter alcançado, ainda, os altares e púlpitos das igrejas⁷.

3. A INSERÇÃO CATÓLICA NAS TELENVELAS

3.1 Apropriação

Nessa seção enquadram-se as telenovelas produzidas por grupos católicos de mídia que se aventuraram a produzir esse tipo de programa, em uma clara reação ao avanço evangélico neopentecostal no Brasil, notadamente da década de 90 em diante. A afirmação de que a incursão católica nas novelas pode ser considerada uma aventura faz sentido se a enxergarmos em paralelo com o panorama brasileiro de produção desse gênero: de um lado, há uma indústria reconhecida em todo o mundo por sua qualidade técnica, o que demanda altíssimos investimentos financeiros para a produção de qualquer obra, sendo a novela um dos produtos mais caros (para se produzir e para se vender publicidade) da televisão. Do outro, situam-se associações mantidas, na maioria dos casos, apenas por doações de fiéis, com reduzidas capacidades de produção, alcance e contando com mão de obra, muitas vezes, pouco profissional e atores desconhecidos.

“A CNT/Gazeta vai entregar parte de sua programação a Deus” – assim anunciava a matéria publicada no Estado de S. Paulo em 17 de dezembro de 1995, anunciando a parceria da Associação do Senhor Jesus (ASJ) com o canal comercial (COSTA, 1995). O momento era propício, já que estava em curso um amplo e acirrado debate acerca da tensão entre católicos e evangélicos em decorrência do avanço da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O símbolo do conflito midiático-religioso foi o episódio do “chute na santa”, que ocorrera em 1995, quando um bispo da Universal chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida em programa veiculado pela TV Record.

O acordo, que previa a ocupação do horário nobre com novelas e minisséries de cunho religioso, começou a vigorar no mesmo ano. A maioria das produções eram

⁷ A crítica contumaz à mídia e às telenovelas é expediente também do neopentecostalismo evangélico. Contudo, por motivos de escopo e interesses do artigo, ele se restringe ao catolicismo, embora ciente de que análises semelhantes podem e devem ser feitas em relação às mais variadas religiões.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

baseadas em relatos bíblicos, contando histórias de personagens como Maria, José, Joaquim, Ana, Zacarias, Izabel, João Batista e o Anjo Gabriel etc. Adotando um estilo “épico”, mais próximo daquele incorporado e aprimorado pelas novelas bíblicas da RecordTV atualmente, tais minisséries pareciam tentar transpor para a linguagem televisiva uma espécie de encenação de passagens da Bíblia; seria, assim, uma junção entre duas heranças, tradições de origens distintas, mas que agora se misturavam: as encenações religiosas vistas na Igreja Católica, como na celebração da Semana Santa, por exemplo, e os teleteatros, que remetiam aos primórdios do fazer televisivo no Brasil. Enquadram-se nesse subgrupo as minisséries: *A Verdadeira História de Papai Noel*; *A Vinda do Messias*; *Ele vive*; *A última semana*; *O amor do pai*; *Repórter NT*; *A boa notícia*; *Milagres de Santo Antônio*.

Embora tenha sido a primeira produção da ASJ, gravada em 1994, a minissérie *Irmã Catarina* só foi veiculada dois anos depois devido a dificuldades de encontrar espaço na TV aberta. Em seus 25 capítulos, a sinopse era centralizada no convento onde Catarina, vivida pela atriz Myrian Rios, interagia com os moradores da cidade, especialmente os jovens, ajudando-os a resolverem seus dilemas pessoais. A protagonista fugia do perfil “careta”, numa tentativa de atualizar a imagem da freira “mal amada”, “mal vestida”. Mostrando-se sintonizada com a realidade, a trama abordou temas polêmicos como aborto, drogas, corrupção e tráfico de influência (CORRÊA, 1996).

Mas o que diferenciava *Irmã Catarina* como uma produção católica? Segundo a matéria publicada pela *Folha de S. Paulo* em 17 de março de 1996, a vinculação religiosa era percebida no apelo a valores religiosos e morais, como o desapego material e o amor ao próximo. Ao mesmo tempo, para se distanciar da pregação e não ser taxada de “careta” (GUERINI, 1996b), a saída foi recorrer à matriz do melodrama. Por isso, a novela insistiu em chavões do gênero: “O formato segue à risca aquela velha e desgastada fórmula – a história se arrasta em meio a amores impossíveis, doenças e outros elementos típicos de um bom dramalhão” (GUERINI, 1996a).

Além disso, a escolha por diretor e atores relativamente consagrados – atores como Georgia Gomide, Márcia Real, Mateus Carrieri, Zilda Mayo e Roberto Pirillo foram dirigidos por Atílio Riccó – revela a ancoragem no reconhecido *star system* tupiniquim forjado pela Globo, o que aproximaria *Irmã Catarina* de qualquer novela convencional, como um “selo de qualidade” (não por acaso, vários esses atores já haviam atuado na emissora anteriormente. Lucas Bueno, o diretor, já trabalhou em *Sassaricando* e *Que rei sou eu?*).

Merece considerações a escalação de Myrian Rios como protagonista, afinal, foi procurada pela ASJ justamente por sua vinculação à RCC (CORRÊA, 1996). A própria atriz já encarna um personagem a parte: de estrela das novelas da Globo, casada por anos com Roberto Carlos, teve a vida transformada após um encontro com Deus, alinhando-se com o segmento da RCC e, posteriormente, passando a dedicar seu trabalho como missionária da comunidade Canção Nova. Com tal trajetória, ela encarna o ideal de mudança de vida, representando uma vitória do modelo carismático, já que, sendo atriz, veio de um ambiente supostamente corrompido, mundano, e passou a doar sua vida e sua arte a Deus.

O “*case de sucesso*” foi bem aproveitado: Myrian passou a aparecer em eventos e programas contando sua história de conversão, virou apresentadora, ganhou programas próprios de rádio e na TV Canção Nova e lançou CD e autobiografia pela gravadora e editora da comunidade. Em 2010, foi eleita deputada estadual do Rio de Janeiro pelo PDT. Logo, a atuação em *Irmã Catarina* seria mais uma missão do que um trabalho, já que ela abriu mão do cachê e se encarregou de convidar outros atores (GUERINI, 1996a). Indagada se atuaria novamente em novelas, Myrian respondeu reproduzindo o discurso de negação de parcela da igreja: “Sou missionária há nove anos e não assisto mais às novelas. É um tipo de entretenimento muito vulgar, sem profundidade, que foi ficando sem conteúdo” (BRAVO, 2011).

A vida de Santo Antônio foi a escolhida como sinopse da próxima produção, uma aposta na história de um dos santos mais populares sendo contada no gênero televisivo mais popular. Assim, entre 15 de abril e 28 de junho de 1996, foi ao ar

Antônio dos Milagres, que representou um desdobramento da fórmula desenvolvida pela ASJ, reunindo acontecimentos da vida de Fernando Bulhões, que viveu na Europa medieval até se tornar Santo Antônio em paralelo a episódios contemporâneos, vivenciados por personagens do cotidiano, tal como em qualquer novela realista.

Após a novela, foi produzida a minissérie *Paulo Apóstolo*, com exibição na Rede Vida, baseada no livro “Atos”, da Bíblia, que relata as ações dos apóstolos. Em uma ambientação futurista, com inspirações em *Mad Max* e *The Day After*, a narrativa de conversão de Saulo em Paulo é transposta para o ano de 2050, após um desastre nuclear. Saulo é ligado a um grupo chamado “Poder”, que controla as pessoas por meio de drogas. “Em vez de contar a história com Saulo caindo do cavalo, fizemos com que o apóstolo caísse de uma moto, para contextualizar a história no futuro”. Após a queda, Saulo se converte e se torna pregador do evangelho – no futuro (REDE, 1998, p. 4).

O investimento mais recente da ASJ, agora como um canal de televisão e não apenas como produtora, foi a encenação dos evangelhos em alta definição. Segundo, o projeto consiste na filmagem dos quatro Evangelhos, “palavra por palavra” (MAISONNAVE, 2013).

A Associação do Senhor Jesus, que começou como produtora e hoje consiste na Rede Século 21, que dispõe de canal próprio, é a grande expoente da produção em teledramaturgia, tendo alcançado o maior aprimoramento técnico se comparada às outras emissoras católicas. Todavia, vale destacar as produções da TV Canção Nova (TVCN), que, mesmo mais modestas, também têm a mesma pretensão: evangelizar pela ficção. De acordo com Barbosa (2014), desde o início da emissora eram feitas pequenas encenações bíblicas durante o programa “Estou no meio de Vós”, além de clipes, vinhetas de mensagens e peças teatrais. Em 1995, foi realizada a primeira encenação ao vivo da Via-Sacra (que ocorre ainda hoje, na semana santa) e pequenas inserções na grade de TV. Outras produções foram: *Minha Vila* (2005); *Pequeno Gigante* (narrava com marionetes a história de São Domingos Sávio); *Reviravolta* (o primeiro seriado); *Os Três Pastorinhos* (filmado com marionetes, contando a história da vivência familiar dos 3 pastorinhos que viram Nossa Senhora em Fátima, Portugal); *Auto de*

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Natal (2007); *Eu vi o Senhor* (atualiza a vida de personagens bíblicos em realidades contemporâneas); *Sara e Tobias*; *Seu Nome é Jesus* (especial de natal de 2003); *Filho Pródigo*, *Musical de Natal* (2015), entre outros.

Só em 2011 o Departamento de Dramaturgia foi reativado, com a realização do seriado *Intervenção*, a investida mais significativa do canal em ficção. A série começou com um formato de histórias independentes e personagens diferentes, com foco em dramas atuais e reviravoltas proporcionadas pela intervenção de Deus.

O episódio “Um novo tempo”, sobre as desilusões e reencontros de uma mulher bem sucedida, porém infeliz, contou com a participação de Myrian Rios interpretando a protagonista. Dois anos depois, o programa aperfeiçoou sua estrutura de produção (cenários, textos, figurino, maquiagem, gravação em alta definição) e a partir da 2ª temporada, em 2014, foi adotado um formato próximo ao *sitcom*, já que passaram a haver elenco fixo e situações transcorridas nos mesmos cenários, com arcos narrativos que perpassavam todos os episódios, ligados entre si. Ambientados na agência de empregos *Intervenção*, os episódios apostaram no viés humorístico, mas mantendo o objetivo da evangelização implícita nas histórias.

Na temporada de 2015, um novo núcleo é acrescentado ao da agência, com novos ambientes e personagens. Em reportagens de divulgação do programa, é sempre ressaltada a limitação técnica e de pessoal – uma “pobreza audaciosa” –, que, contudo, não impediu a realização do seriado. Justamente por tais dificuldades, a empreitada televisiva é colocada como mais do que um programa; seria um verdadeiro milagre concedido por Deus e pelos sócios evangelizadores-mantenedores da TVCN.

Por fim, a TV Aparecida realizou *Supletivo do Céu* (2015), produção de dramaturgia mais próxima ao gênero humorístico, já que reproduzia o famigerado formato ambientado em uma escolinha. A diferença, neste caso, é que os alunos estudavam num curso supletivo sobre catequese e liturgia católica. *Supletivo* foi o passo mais concreto da referida emissora rumo à entrada na produção em teledramaturgia; entretanto, antes disso, já havia ido ao ar dentro do *Terra da Padroeira*, o quadro *Novela Caipira*, com microhistórias encenadas pelo elenco do programa – Kléber

Oliveira, Menino da Porteira, Dona Tatá e Tonho Prado. A emissora também exhibe filmes e séries estrangeiras.

3.2 Exibição

Em que pesem as opiniões contrárias, a programação ficcional é tão importante para as emissoras católicas que aquelas que não dispõem de estrutura de produção acabam optando por uma alternativa: a exibição de produtos oriundos de outros canais. A Rede Vida, anos após veicular produções da ASJ, passou a transmitir em 2013 *Meu pé de laranja lima*, que fora produzida pela Band, canal aberto, comercial e secular. Baseado no romance homônimo de José Mauro de Vasconcellos, o enredo traz a história da amizade do menino Zezé com uma árvore. Assim, com forte conotação infantil e familiar (foi exibida às 20h30), a trama parecia estar bem ajustada ao perfil de programação da TV católica. Depois, foi a vez de *Os imigrantes*, também produzida pela Band em 1980, ser transmitida, em 2014, às 23h. Mais uma vez, a escolha da novela de Benedito Ruy Barbosa, sobre a chegada dos imigrantes espanhóis, portugueses e italianos ao Brasil, demonstra um alinhamento mais conservador da emissora em relação à dramaturgia.

A mais recente ação católica em direção às novelas talvez tenha sido a mais surpreendente: desde mês tal, a TV Aparecida está exibindo *A padroeira*, de autoria de Walcyr Carrasco, produzida em 2003. O mote da atração é a comemoração dos 300 anos de descoberta da imagem da santa. A novela foi cedida gratuitamente ao canal religioso, e a particularidade dessa ação é o fato de uma televisão católica estabelecer relações cordiais justamente com a mais criticada empresa midiática do país, a Globo – como visto na primeira parte da presente análise. Mesmo que inicial, esse acordo indica que a Aparecida pode ser considerada a TV mais aberta ao secular, ou a “mais laica”, e pode ser esse o motivo de seu expressivo crescimento em audiência.

A novela conta, basicamente, o início da devoção a Nossa Senhora Aparecida; porém, isso não a qualifica como uma novela propriamente religiosa, sendo possível observar nela todos os elementos rejeitados pela igreja e inerentes ao folhetim, como as

traições, vinganças, paixões, vilanias etc. Além de configurar uma estratégia de divulgação, talvez seja esse o motivo de a TV Aparecida ter feito uma espécie de preparação do público para justificar a presença de uma novela em uma programação essencialmente religiosa. Além das chamadas para a estreia, os atores Lisandra Souto e Jackson Antunes, que atuaram em *A Padroeira*, compareceram ao programa *Terra da Padroeira*, uma das maiores audiências da casa, para falar sobre seus personagens e sobre a importância da novela. O discurso de novela evangelizadora foi defendido em uma entrevista com Jackson, que afirmou: “Além de entretenimento, a televisão é veículo de reflexão. [...] Todos nós sabemos um pouco da nossa amada padroeira Nossa Senhora Aparecida, de quem eu sou devoto. Mas a novela esmiuçou aquilo com mais detalhes. É uma novela linda [...]”⁸.

4. CONCLUSÃO

Como angariar e convencer um público com competência cultural, capaz de avaliar a TV que consome, que está acostumado a um alto padrão técnico e de conteúdo de novelas e que, ainda, é educado para encará-las como uma “catequese do capeta”?

Se essa parece ser uma luta de Davi contra Goliás, as nánicas emissoras católicas ainda não chegaram sequer a arranhar o poder de gigantes como as demais TVs comerciais, que apostam cada vez mais no gênero telenovela. Por isso, uma crítica que se poderia fazer é a de que as “novelas católicas” – categoria genérica que abriga vários gêneros e formatos de ficção televisiva –, distanciando-se de seu objetivo original, parecem mais preocupadas em “evangelizar os evangelizados”, pois é difícil imaginar grandes parcelas da audiência deixando de assistir a produções hegemônicas para consumir narrativas simplórias que remetem aos primórdios da TV brasileira.

Mesmo as críticas mais pesadas mostram que o catolicismo reconhece a penetração e a forte relação da telenovela com a sociedade brasileira, algo que inúmeros estudos atestam. Contudo, ao contrário dessa tradição de pesquisa, que investiga toda a complexidade que envolve essa relação desse gênero televisivo com a sociedade, a

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ImVNT77KbxE>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

novela é vista de modo superficial e negativo. A renúncia do catolicismo à telenovela, então, fica circunscrita aos círculos mais conservadores da igreja. Se o gênero é um dos mais assistidos no Brasil, um país marcadamente católico, é de se imaginar que muitos fiéis desobedecem às instruções ouvidas na missa de domingo. De maneira ambígua, a igreja contraria parte de seus segmentos e acredita na novela enquanto instrumento de evangelização – ou seria *marketing*?

O investimento em novelas mostra que o problema não é o gênero em si, mas os conteúdos que ele veicula, havendo uma divisão entre as novelas “permitidas” e as “não permitidas” para católicos. O filtro que faz essa seleção é de ordem moral: assim, se a produção não fere os princípios morais cristãos, ela está liberada – algo como uma “censura”, um “índice” midiático dos tempos atuais. A flexibilidade desse filtro, que parece ter uma predileção por temáticas leves e familiares, dependerá da orientação da emissora: quanto mais conservadora for a TV, mais rígidos serão os critérios de avaliação. Por isso, enquanto a *Canção Nova* condena a novela da Globo, a TV *Aparecida* exhibe uma trama global.

Recentemente, além da exibição de *A padroeira*, as produções da *Século 21* foram disponibilizadas em *streaming*, as novelas bíblicas da RecordTV alcançam expressiva audiência e padre Fábio de Melo fará uma participação em *Carinha de Anjo*, que se passa em grande parte em um internato católico de freiras. Esses e outros indícios mostram o quanto ficção e religião caminham juntas na televisão, relação que merece mais estudos que deem conta de sua complexidade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, F. O mal que fazem as novelas. **Blog do Professor Felipe Aquino**, 4 nov. 2013. Disponível em: < <https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2013/11/04/o-mal-que-fazem-as-novelas/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- BARBOSA, L. Seriado "Intervenção" exhibe novo formato. **TV Canção Nova**, 10 fev. 2014. Disponível em: < <https://tv.cancaonova.com/intervencao/seriado-intervencao-exibe-novo-formato-2/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

- BRAVO, Z. Myrian Rios critica novelas, fala da vida como missionária e diz viver em castidade há nove anos. **O Globo**, Cultura/TV, 6 fev. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/myrian-rios-critica-novelas-fala-da-vida-como-missionaria-diz-viver-em-castidade-ha-nove-anos-2828196>>. Acesso em: 2 jul. 2017.
- CORRÊA, E. Drama religioso ameno. **O Globo**, 7 jan. 1996.
- COSTA, L. Novelas católicas invadem o horário nobre da CNT. **O Estado de S. Paulo**, 17 dez. 1995.
- GUERINI, E. “Irmã Catarina” abusa dos valores cristãos. **Folha de S. Paulo**, TV Folha, 17 mar. 1996a.
- _____. CNT aproveita polêmica religiosa na TV. **Folha de S. Paulo**, TV Folha, 21 jan. 1996b.
- HALL, S. Encoding and Decoding in the Television Discourse. Centre for Cultural Studies, University of Birmingham, **CCS Stenciled Paper**, v. 7, 1973.
- LOPES, M. I. V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan.-abr. 2003.
- MAISONNAVE, F. TV Século 21 tem ex-jogador e diretor global. **Folha de S. Paulo**, Poder, 28 abr. 2013.
- MARÇAL, J. Ouvir Jesus, não as novelas e fofocas, pede Papa. **Notícias Canção Nova**, 3 fev. 2015. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/homilia-casa-santa-marta/ouvir-jesus-nao-as-novelas-e-fofocas-pede-papa/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.
- MARTINO, L. M. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.
- MOREIRA, S. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2004.
- NOVA temporada do seriado Intervenção. **TV Canção Nova**, 16 abr. 2014. Disponível em: <<https://tv.cancaonova.com/intervencao/nova-temporada-do-seriado-intervencao/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- REDE Vida lança série católica futurista. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, 12 jun. 1998.
- RICARDO, P. **As novelas e a engenharia social**. Youtube, 22 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xok9aMtwFnQ>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

TORRES, H. B.; COUTINHO, I. Telenovela e telejornalismo: as fronteiras realidade e ficção no consumo midiático brasileiro. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, Vitória, 2010. **Anais...** INTERCOM: Vitória, 2010.